

hipóteses de século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 9 • 2009

O grupo do Dragão Vermelho

Jani Maurício

Jani Maurício, licenciada em História Moderna e Contemporânea pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). E-mail: janimauricio@hotmail.com

Na história de Almada, para o período que antecede o 25 de Abril, os fragmentos de uma cena cultural têm sido condensados na acção das colectividades locais, o que subentende uma exclusiva mobilização destes organismos para a divulgação da cultura junto da população. É no âmbito dos estudos do Movimento Associativo do concelho, que se tem produzido conhecimento sobre práticas de dinamização cultural, no entanto, embora centrados nestes mecanismos comunitários, não introduzem em contrabalanço nenhuma outra iniciativa, produzindo desta forma uma memória linear. Dois pontos são elementares na construção dessa memória. Por um lado, o contexto político do país e a manutenção de uma política que se traduz na estagnação dos equipamentos de recepção cultural. Por outro lado, a ideia de tradição na regulamentação dos papéis e competências culturais. Uma perspectiva que se centre apenas no contexto político e na ideia de tradição, trava o conhecimento de outras acções, da mesma forma que induz a pensar em consenso ou ausência de conflito na atribuição das competências culturais, no âmbito dos organismos colectivos.

Se observarmos o panorama cultural almadense, de meados do séc. XX, partindo das transformações urbanísticas, ao invés dos órgãos institucionais e seus equipamentos, podemos detectar acções paralelas. Figuram, nessa perspectiva, os cafés e as personagens locais, resultando da sua articulação um novo fragmento da iniciativa cultural: os eventos realizados no café Dragão Vermelho, entre 1959 a 1961. Postos em cena por um grupo de artistas locais, com vista à introdução da arte moderna em Almada, esses eventos são aqui reconstruídos, através dos registos documentais da época e dos relatos de Alfredo Canana, Francisco Bronze e Louro Artur – três dos elementos que compõem o «grupo do Dragão Vermelho». Contextualizada num meio social específico, esta acção é interpretada com atenção nas relações sociais, nas suas modalidades de solidariedade e conflito, como ainda nos factores culturais que se ligam aos modos de vida e à partilha de valores.

1. Da «cultura de café» ao café no contexto do lugar

Hoje quando pensamos em cafés dificilmente nos abtemos de uma percepção que se direcciona para o consumo alimentar. Embora essa função primordial se afirme progressivamente, não há uma relação estática entre o homem e estes espaços no tempo e os usos que lhes são reconhecíveis remetem para quadros culturais específicos. Essa dinâmica é apreensível na historicidade do urbano considerado como um ambiente cultural, onde se integram rotinas próprias ligadas aos modos de vida. A cultura de café, que emerge com o desenvolvimento urbano do séc. XIX, é uma das expressões mais representativas das consequências culturais da modernização. Como refere Eagleton (2003: 56), o termo «cultura de café» implica que a frequência do café se faz como modo de vida e dentro de contornos específicos. Isso remete para um particularismo nos usos e formas de estar nestes espaços, que têm sido muitas vezes entendidos como impulsionadores da acção de colectivos de artistas.

Através dos estudos de Fitch (2006) e Scott Haine (1998), o papel social do café pode ser entendido dentro de duas características que se atribuem ao espaço: primeiramente, como um espaço de informação, favorecendo a circulação das ideias, o debate estético e a socialização dos grupos; e por outro lado, como um espaço de inovação, estimulando novas ideias e a formação de novos agrupamentos artísticos. Estes estudos evidenciam que

a cultura de café é um fenómeno de grande amplitude, no tempo e no espaço europeu, que com Fitch se atribui sobretudo às elites artísticas e literárias, enquanto Scott Haine alarga o fenómeno à classe trabalhadora. Por outro lado, com Scott Haine, que entende a sociabilidade no café como determinante fundamental na acção do movimento operário, é realçada a importância que os modos de vida assumem na compreensão da acção colectiva. Está no âmbito deste estudo descrever um momento em que estas facetas do café ainda são evidentes, nomeadamente através do grupo do Dragão Vermelho localizado em espaços de interacção específicos, entre eles, o café.

No contexto local, é na segunda metade do séc. XX, com as implementações do Plano Parcial de Urbanização de Almada (1947), que surgem os primeiros indicadores do urbanismo moderno. Uma área emergente, que motiva um fluxo populacional, marca a fronteira com uma morfologia rural, descaracterizando a paisagem e destruindo parte das rotinas que se ligam ao lugar. Também em consequência do processo de modernização, o centro da vila sofre um deslocamento da zona antiga para a zona moderna e o núcleo encontra-se agora na Praça da Renovação (actual Praça do M.F.A)¹. De modo geral as praças remetem para uma vida social intensa, pela sua configuração, favorecendo uma junção de elementos que animam os lugares, e este é o caso da Praça da Renovação, ocupada pelas esplanadas do Dragão Vermelho e do Café Central, os novos locais de reunião juvenil.

Inserindo-se numa paisagem que ainda tem muito de rural, marcada pela escassez de infra-estruturas sociais, os cafés vão assumir um grande poder agregador, implicando a reformulação dos palcos das práticas quotidianas. Nestes cafés, o convívio faz-se essencialmente entre as pessoas da terra e entre os vários tipos sociais encontram-se os jovens artistas que vão formar o grupo do Dragão Vermelho: Francisco Bronze, José Bronze, Jorge Norvick, José Zagallo, Louro Artur, Luíz Suarez, Peniche Galveias, e os colaboradores Alfredo Canana, Jaime Feio, P.e António Leitão, e Sérgio Só². Alguns destes elementos, como os irmãos Bronze, enquanto frequentadores assíduos dos cafés de Lisboa, nomeadamente do café Gelo, onde conviveram com os poetas surrealistas e com os artistas modernos, tinham já uma cultura de café nos seus padrões de comportamento.

Numa fase em que estes artistas estão em início de carreira, o Café Central é o principal espaço de convívio, para onde transpõem os seus interesses e que usam para trabalhar, estudar, discutir, grande parte das tarefas quotidianas fazem-se em ambiente colectivo. A vertente da discussão no café é salientada pelas fontes, como estando quase sempre voltada para a arte moderna, mas também para a actualidade do país e sobretudo da terra. É o interesse no lugar e as circunstâncias que este propicia, entre elas os laços estabelecidos no café, que constitui o elemento fundamental, dentro das regularidades possíveis de estabelecer para explicar a acção deste grupo. O lugar é o determinante comum que une e singulariza o grupo, que proporciona uma solidariedade com base nos laços que se estabelecem no café e num sentido de pertença.

¹ Cf. FLORES, Alexandre M. – *Almada Antiga e Moderna: roteiro Iconográfico. Vol. I: freguesia de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1985; RODRIGUES, Jorge de Sousa – *Génese da Urbanização da Zona Leste do Concelho de Almada. Anais de Almada: revista cultural*. Almada: Câmara Municipal de Almada. ISSN 0874-2553. N.º 2 (1999) p. 195-210.

² Ver CORREIA, Romeu – *Homens e Mulheres vinculados às terras de Almada: nas artes, nas letras e nas ciências*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1978.

Por outro lado, o meio social imediato também vai constituir o palco de actuação do grupo. Dando resposta às suas necessidades interventivas, procurando o desempenho de um papel activo na vida do lugar, este grupo vai apropriar-se do espaço do café Dragão Vermelho, onde desenvolve esforços continuados, através da realização de diferentes eventos, para a inserção da arte moderna no lugar, tendo como consequência a reorganização do meio, através da criação de uma nova infra-estrutura cultural. Desta forma em Almada, a inserção da arte moderna, é indissociável do espaço do café, primeiro como impulsionador e porque em seguida será o palco necessário à materialização desta iniciativa. Recordemos: existe um ambiente propício para que espontaneamente o colectivo se imponha ao individual; some-se o facto de existirem interesses que se cruzam e obteremos com facilidade a organização dos eventos culturais. Mas porquê no Dragão Vermelho? Isso é algo que se prende com a cena cultural.

2. Cena cultural

Neste ponto, para apreender a acção do grupo do Dragão, é essencial começar por focar algumas especificidades do contexto artístico nacional da década de 50, partindo do que têm de exemplar e de constrangedor, que em síntese se pode destacar: por um lado, o peso de uma conjuntura sociopolítica desfavorável; por outro lado, uma nítida separação entre acção do estado e acção particular, a apontar em sentidos opostos.

Sobre o papel do estado, o balanço negativo é unânime entre os autores, pela ausência de uma política cultural continuada e com um desvirtuamento do Secretariado Nacional da Informação (SNI), que neste período tem sobretudo uma acção fiscalizadora e censória. O condicionamento da informação e a manutenção das instituições artísticas estagnadas impõem um clima de conservadorismo e opressão, limitando em grande medida os produtores, sobretudo porque influi no plano social, contribuindo para a falta de educação artística e em consequência o desinteresse social pela arte, pois como refere Pierre Bourdieu³ a necessidade cultural é um derivado da educação, o amor pela arte nasce da educação e do contacto frequente com a arte. Nessa medida também o plano económico se vê afectado, pela conjunção da ausência dos componentes inerentes a um sistema de arte moderna, evidenciando-se a necessidade de transformação. A inserção social da arte moderna faz-se de forma lenta e devido à acção particular.

Segundo Rui-Mário Gonçalves (2004: 49) «pode hoje verificar-se que o que se fez de mais interessante como autêntica política cultural durante os anos cinquenta não foi obra do estado mas produto da iniciativa dos artistas e dos críticos». Na década de 50 há um período de desenvolvimento da reflexão e consciência crítica do papel social da arte, foi-se desenvolvendo uma reacção à estagnação do meio com o incremento das iniciativas de dinamização cultural. Segundo José-Augusto França «os criadores são impelidos por uma reacção à situação social, e mesmo à sua própria situação» (2000: 77), havendo um processo de acção cultural progressivo que se inicia na década anterior e será mais visível em 50, ainda com as iniciativas da criação de galerias e a integração nas instituições artísticas particulares, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, já na década anterior, na Fundação

³ BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain – *El Amor al Arte: Los museos europeos y su público*. Barcelona: Paidós, 2003. ISBN 84-493-1485-2.

Calouste Gulbenkian, que além de espaço de difusão tem a vertente do subsídio, formam o circuito da arte moderna contribuindo para a valorização do sector modernista e para a mudança do gosto do público. Todavia, sendo que a maioria destes acontecimentos estão centrados em Lisboa não alteram os limites anteriormente expostos, que impedem o desenvolvimento de verdadeiras cenas culturais nas periferias.

Situando-nos agora no plano local, em Almada, no final dos anos 50, as iniciativas culturais estavam condicionadas às intervenções do poder local e das organizações associativas – as colectividades de cultura e recreio: a *Academia Almadense* (1895), a *Incrível Almadense* (1848) e a *Cooperativa Piedense* (1893). Os espaços das colectividades tinham a vantagem do público, por contarem com um número considerável de sócios, no entanto, devem ser consideradas duas características negativas: por um lado, não existe dentro das colectividades uma sala especificamente destinada a exposições de arte; por outro lado, existe alguém que gere estes espaços e, segundo as fontes, para esses dirigentes as questões da arte moderna não eram preocupantes, havendo um manifesto desinteresse na promoção dessas iniciativas, principalmente porque se afastam de um esquema estético habitual.

Alfredo Canana, sobretudo ligado à Cooperativa Piedense, onde participa em iniciativas no âmbito do teatro e do cinema, realça a dificuldade na «realização» dos projectos culturais dentro do espaço associativo, referindo o mal-estar que as propostas com base no termo «cultura» provocavam junto da maioria dos seus dirigentes. De facto, para este período, os estudos sobre as colectividades⁴ demonstram um predomínio das actividades recreativas e embora constem alguns eventos culturais nos quais os artistas que se ligam ao dragão também participaram, é só na década de 60 e em parte através das acções de dinamização cultural desenvolvidas pelos estudantes locais, que a programação supera esse carácter lúdico. Ainda que as colectividades pontuassem o percurso inicial dos membros do grupo do Dragão, parece existir um conflito constante, uma rejeição da parte das colectividades em se associarem a programas contínuos, motivando da parte dos artistas uma busca para associar a especificidade do seu projecto a outros espaços.

No essencial, deve-se entender que a escassez de equipamentos é uma questão preocupante que vinha travando qualquer desenvolvimento da arte moderna no lugar, sem que houvesse da parte das colectividades interesse na promoção estética ou familiaridade com a linguagem artística contemporânea. Facto que está expresso em «Problemas da cultura em Almada»:

[...] Também as colectividades de cultura e recreio, principalmente as cooperativas, organizaram algumas exposições [...] Porém, ultimamente, essas iniciativas foram esquecidas [...]. Torna-se necessário que os dirigentes das nossas colectividades se interessem pelos problemas vivos da arte, porque são as Sociedades de Recreio, que possuem as salas, o público e o material necessário para as grandes realizações culturais.⁵

⁴ ABREU, Carlos; BRANCO, Francisco (coords.) – *O Associativismo: Tradição e Arte do Povo de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1984; COSTA, Ana; LUZIA, Ângela; JULIÃO, José – *Associativismo e Cidadania*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2007. ISBN 978-972-9134-72-2.

⁵ CANANA, Alfredo – Problemas da Cultura em Almada. *Jornal de Almada*. Almada: P. e Manuel Marques. Ano VII, n.º 334 (14 Maio 1961) p. 8.

No âmbito desta última questão, nota-se uma clara diferença no que respeita à Câmara Municipal, instituição que ainda assim é socialmente pouco actuante, seja entre os produtores, onde não actua no plano financeiro, nem como instância legitimadora, quer seja entre a população local, não garantindo a recepção cultural. Presidida por Aquiles Monteverde, personagem que as fontes retratam como apreciador da arte moderna, e tendo Manuel Cargaleiro como vereador do pelouro da Cultura, entre os projectos culturais da Câmara está um evento anual de exposições, os *Salões de Artes Plásticas*⁶, realizados no Convento dos Capuchos, onde participam artistas modernos. Segundo as fontes, a participação nesse evento começa por ser restrita à elite, descurando os artistas almadenses, e embora haja uma inserção gradual, tanto dos elementos do grupo do Dragão como de outros artistas locais, o seu alcance social é comprometido pela inacessibilidade do evento:

Não bastam as exposições «bonitas» e «longínquas» no «Convento dos Capuchos» (tão inacessíveis, ao grande público, que chega a pôr-se em dúvida o sucesso ou fracasso destas). Torna-se necessário lembrar que a Caparica fica a 11 quilómetros do centro de Almada e as despesas à Costa da Caparica não são para todas as bolsas.⁷

Em consequência, o que em Almada acontece, independentemente dos salões anuais da câmara ou das iniciativas das colectividades, condiciona-se ao esforço pessoal do grupo do Dragão Vermelho – dos artistas e colaboradores –, sem que possam contar com a habituação da sociedade local em visitar exposições.

Neste momento, é necessário pensar em que medida a população constitui uma barreira. Segundo as fontes, entre os mais interessados na arte moderna estavam os estudantes, os próprios artistas e as pessoas mais viajadas da vila, contrapostos ao grosso da população. Segundo Francisco Bronze, quando ocorrem os eventos do Dragão, a curiosidade que os eventos despertavam, por serem uma novidade, e o facto de se ir beber a «bica», trouxe bastante público às exposições que, apesar de não compreender as obras, aceita este tipo de eventos. Vejamos duas intervenções de Alfredo Canana – a primeira, onde são observadas as dificuldades de aceitação por parte da população conservadora:

[...] a um artista, em especial de Almada, é necessário uma vontade imensa, para lutar contra uma série de preconceitos que existem sobre a arte do nosso tempo porque o mau acolhimento do grande público e as dificuldades financeiras de que a maior parte dos artistas modernos se queixa são sintomas de uma deseducação da arte que o nosso público conserva.⁸

Uma segunda intervenção, sobre a exposição de Manuel Ferreira que embora realizada no Dragão Vermelho, não se insere na programação deste grupo por ser mostra do academismo:

⁶ Com várias modalidades – pintura, desenho, escultura e cerâmica –, concorrem aos prémios Câmara Municipal de Almada, Columbano Bordalo Pinheiro e, desde 1960, ao prémio de Francisco Franco. Em paralelo, realizam-se conferências e concertos.

⁷ CANANA – Conheça os artistas da nossa terra. *Jornal de Almada*. Ano VI, n.º 293, (31 Jul. 1960) p. 5.

⁸ CANANA – Conheça os artistas da nossa terra, p. 5.

[...] Esta exposição, acima de tudo, veio revelar-nos, a incultura do nosso público, no que diz respeito às artes plásticas. A confirmar estão as opiniões inseridas nas «folhas de impressões». Onde se lê «desta vez sim», «ainda há alguns artistas verdadeiros» e outras «frases» que são bem a marca de que o público almadense devia primeiro tentar compreender a arte, e depois, então, manifestar-se publicamente sobre ela.

Entretanto medite-se sobre o que escreveu Manuel Cargaleiro, sobre esta exposição: «na arte ficou reflectida a cultura e a vida de outras épocas. Esta exposição não tem nada a ver com o nosso tempo»⁹.

Há, por outro lado, um sector entusiasta, uma percentagem de jovens visitantes que se deslocam aos eventos enquanto amigos do grupo. A revelar o contraste no alcance destas iniciativas, estão dois excertos que teriam sido deixadas no livro de visitas:

Vocês em Almada estão vivos! Vivos e Poetas, capazes de fazer levantar os mortos. Ainda bem. E obrigado em nome da gente dos vinte anos. Estamos vivos, convosco.

Quem tem assistido ao desabrochar artístico destes «novos» não tem dúvidas de que cada exposição é um passo mais num progresso, que cada vez mais se presente¹⁰.

Através dos registos que Alfredo Canana deixa no *Jornal de Almada* vimos indiciadas a complexidade das condições físicas e mentais à inserção da arte moderna no lugar. Se em Almada a importância do movimento moderno é insignificante ou desconhecida isto deve-se à falta de equipamentos que a incluam na sua programação cultural, embora como se viu, o desinteresse pelas correntes modernas não seja exclusivo do local. O cruzamento no espaço permite reconhecer que os fenómenos de desinserção e a reacção por parte dos artistas têm um carácter geral. Da mesma forma, os registos do jornal, onde os problemas assinalados são pontos comuns ao sector, são reveladores do comportamento de crítica e rejeição do grupo do Dragão Vermelho relativamente ao seu meio imediato, a partir da consciência que se adquire no local. O imediato está fortemente implicado na atitude de desvio do grupo, onde as colectividades, ou os seus dirigentes, podem ser vistas como um impulsionador negativo, a partir das dificuldades que nestes organismos se colocaram nas experiências anteriores ao Dragão.

3. A exposição de 58

Importa agora identificar um último elemento impulsionador, que se refere à iniciativa modelo. Várias possibilidades de relação, ao nível das organizações de artistas, de carácter mais ou menos informal, poderiam ser estabelecidas, sobretudo no âmbito do movimento moderno, onde estes agrupamentos são comuns. Todavia, não há no grupo do Dragão uma determinante estética comum, para além da relação mais abrangente à arte moderna, este grupo é definido por outros e define-se a si próprio por um lugar. No essencial,

⁹ CANANA – Manuel Ferreira expôs na Galeria do Café «Dragão Vermelho». *Jornal de Almada*, N.º 289 (3 Jul. 1960) p. 4.

¹⁰ H., No «Dragão Vermelho» I Exposição de Poesia Ilustrada: a literatura e arte de mãos dadas. *Jornal de Almada*, N.º 267 (31 Jan. 1960) p. 3; comentários atribuídos a Afonso Cautela e Marcelo de Sousa.

este agrupamento distingue-se e justifica-se por um projecto ligado ao local de residência, comportando uma vertente social que deve ser entendida num plano mais alargado, que se atribui aos valores específicos que nesta altura estão a desencadear outros projectos. Neste prisma de aproximação pela especificidade dos valores, o grupo da Gravura foi o factor decisivo.

Criada pelos neo-realistas, em 1956, a *Cooperativa dos Gravadores Portugueses*, para além de possibilitar uma nova via comercial para os modernos (França, 1985: 481), enquadra-se entre as iniciativas particulares que, durante o Estado Novo, desempenham um papel de relevo na acção cultural. Segundo Rui-Mário Gonçalves dentro da vontade que, no tempo, os artistas tinham de «levar a arte a toda a gente», a criação desta cooperativa permitiu intensificar a acção de alguns artistas modernos, ligando-se também a uma «notável» intervenção de divulgação na província (Gonçalves, 2004: 66). Um exemplo da acção cultural no âmbito dessa cooperativa encontra-se no projecto de Fernando Pernes e Francisco Relógio, que alia à faceta democratizante, inerente à modalidade da gravura, uma intenção descentralizadora.

Segundo Francisco Bronze, pouco tempo antes do plano almadense arrancar, Fernando Pernes e Francisco Relógio, começam a estruturar um projecto de exposições itinerantes de arte moderna, tendo como objectivo descentralizar a arte dos centros e das elites, aproximando-a dos meios populares. De manifestas intenções sociais e políticas, esse projecto surge ligado à Cooperativa Gravura, integrando um número considerável dos seus artistas, entre os quais Francisco Bronze declara como núcleo inicial – Artur Bual, Francisco Relógio, José Bronze, José Santa-Bárbara, Rui Filipe, Maria Emília, Manuel Gamboa, Pilo da Silva, e Pitum Keil do Amaral –, embora estas iniciativas venham a integrar colectivos mais vastos.

No âmbito do itinerário desse grupo que, segundo Francisco Bronze, começa por se manifestar em Lisboa, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, acontece uma exposição em Almada, em 1958, onde, através do contacto travado com Alfredo Canana, se criam condições para realizar a *I Exposição Itinerante de Arte Moderna*, no salão de festas da Incrível Almadense. Neste evento, sob a organização de Fernando Pernes e Francisco Relógio, participam como expositores dois almadenses, os irmãos Francisco e José Bronze, juntamente com Alice Jorge, Artur Bual, Francisco Relógio, Júlio Pomar, Rui Filipe, entre outros.

A esta exposição de 58 deve ser atribuída grande importância, sob o ponto de vista da sua influência na acção do grupo do Dragão. Primeiramente, porque é neste evento que os irmãos Bronze travam conhecimento com os pintores locais, começando a partir daí a frequentar os cafés da zona de residência, servindo esse evento para desencadear os laços sociais que o café posteriormente reforça. Em segundo lugar, é na exposição de 58 que, dando visibilidade ao projecto itinerante, se detecta a fonte de contágio ao nível da forma e dos valores que assumiria o projecto almadense. Segundo Francisco Bronze, os eventos que ocorrem no Dragão pretenderam dar continuidade a esta iniciativa em Almada. Como refere Louro Artur, num tempo em que Lisboa centraliza todos os eventos artísticos, sobretudo ao nível das artes plásticas, esse empenho em espalhar a arte pelo país, em levá-la a pontos que pouco ou nada tinham em termos culturais foi um ideal persuasivo. Para além do estímulo inicial que o referido projecto itinerante representa na mobilização dos artistas

almadenses, vai ao mesmo tempo contribuir para a manutenção de um programa cultural continuado, em Almada, ao integrar com as suas mostras o circuito do Dragão.

Desta forma, podemos entender os eventos que no ano seguinte se realizam no café, como uma consequência da abertura, do despertar de interesse para aquilo que outros artistas estão a fazer na mesma época, as exposições itinerantes, que, como já se viu, têm metas socializantes. Também no grupo do Dragão são detectáveis os mesmos valores de descentralização e democratização da arte moderna, que através da participação no quotidiano do seu meio mais imediato, leva à população a arte do tempo.

Partindo do que foi exposto, é possível apreender que a acção do grupo do Dragão se integra numa actividade mais ampla e que pode ser enquadrada a partir do conceito de «utopias práticas» com que Thomas Luckmann (1996) define os projectos, enquanto acções que visam alcançar um ideal no futuro. Segundo este teórico da acção, a variável do tempo futuro estando entre as motivações que explicam a acção, influi directamente nos modos de vida e práticas quotidianas do presente. Nessa medida, embora as iniciativas de difusão cultural integrem nas suas motivações a vertente da promoção do trabalho artístico, vertente que está presente no projecto do Dragão, têm um carácter mais abrangente onde actuam os valores, as obrigações sociais. Estas facetas podem-se encontrar nos projectos que aqui foram descritos que, como vimos, são iniciativas estruturadas em valores democráticos, que num plano mais ou menos abrangente, através das acções de socialização da arte, visam possibilitar a mudança social.

4. Os eventos

Como foi estabelecido anteriormente, a acção cultural que se desenvolveu no Dragão Vermelho pretendeu ser a continuação do projecto itinerante de Fernando Pernes e Francisco Relógio, contudo, numa nova dinâmica, fixando-se num âmbito local e com os artistas de Almada. Entre os primeiros eventos, acontece em 1959, de 15 a 23 de Novembro, a *I Exposição de Pintura*, que reúne como expositores os membros base do grupo – Francisco Bronze, José Bronze, Louro Artur, Jorge Norvick, José Zagallo, Peniche Galveias e Luís Suarez¹¹. No ano seguinte, abrindo espaço aos poetas com quem o grupo convive no café, realiza-se a *I Exposição Itinerante de Poesia Ilustrada*, entre 17 e 27 de Janeiro, conciliando os artistas plásticos anteriormente citados, e aos quais se junta como convidado Manuel Cargaleiro, com os poetas locais – Maria Rosa Colaço, Sérgio Só, Mariano Calado, Maria Fernanda Ferreira, António dos Santos Matos, P.e António Leitão, Ada Tavares, Gonçalo Osório e Victor Figueiredo¹². Ambas as exposições têm itinerância, estando a última em Estremoz, no Cine-Clube, em Lisboa, na Casa do Bancário, e em Setúbal, na sede do Clube de Campismo¹³.

Depois desse arranque, o programa sofre alterações, primeiramente na composição dos expositores, tornando-se a participação única de artistas locais algo excepcional: é o caso da *I Exposição de Poesia Ilustrada* de Jorge Norvick, em 1961, de 19 a 26 de Fevereiro, que

¹¹ Catálogo I Exposição de Pintura.

¹² Catálogo I Exposição de Pintura.

¹³ 1.ª Exposição de Poesia Ilustrada. *Jornal de Almada*. N.º 288 (26 Jun.1960) p. 3.

sendo inaugurada em Lisboa, integrou o circuito do Dragão¹⁴. Nas restantes iniciativas o programa é alargado, contando-se com a cooperação dos artistas de Lisboa, muitos já com obra reconhecida ou em vias de consagração. Inserem-se neste âmbito mais abrangente, as mostras individuais, como a *I Exposição Itinerante de Desenho*, de Francisco Relógio¹⁵, entre 6 e 14 de Março, de 1960, e as duas colectivas com os artistas da Cooperativa Gravura, a *I e a II Exposição de Gravura Contemporânea Portuguesa*. Estas últimas, que acontecem em Maio de 1960 e de 1961, reúnem colectivos acima de duas dezenas¹⁶ – Júlio Pomar, Alice Jorge, António Areal, José Bronze, Bartolomeu Cid, José Júlio, Rogério Ribeiro, Navarro Hogan, Hansi Stael, Nikias Skapinakis, Cipriano Dourado, Santa-Bárbara, Querubim Lapa, integram a lista das presenças documentadas.

No desdobramento do projecto, nota-se uma segunda alteração: o programa deixa de se restringir a exposições, através da realização de colóquios, a acontecer em paralelo ou não. Demonstram esta faceta a *Exposição Itinerante de Arte Moderna*, que entre 27 de Março e 4 de Abril de 1960, incluiu 25 artistas plásticos, grande parte dos anteriormente mencionados, numa mostra complementada com as abordagens dos críticos, Fernando Pernes e José Ernesto de Sousa, ao modernismo na pintura e no cinema¹⁷. Também o colóquio *Natureza Trágica da Poesia*, em 15 de Abril de 1961, não se inscrevendo numa exposição, preenche um vazio temporal com a participação de José Carlos González a recitar poesia do poeta peruano César Vallejo¹⁸. Segundo Francisco Bronze, o grupo do Dragão Vermelho empenhou-se em levar ao público aquilo que considerava ser de interesse para a sociedade local. Sentindo a escassez de actividades intelectuais e começando a pensar na importância da discussão em torno das imagens plásticas, o grupo proporcionava à população os encontros intelectuais.

A partir dos dados expostos, tornam-se possíveis algumas verificações. Conhecida a carência que Almada sofre, neste período, no que respeita a equipamentos culturais, o espaço do Dragão Vermelho assume um papel destacado como palco alternativo: pelo lugar em si, representa uma alternativa aos espaços de recepção e difusão estabelecidos no âmbito local; pelo cariz dos seus eventos, que estando entre as primeiras mostras de arte moderna no lugar, constituem a única que se liga a um programa continuado, revelando assim o seu carácter contracorrente. O café, viabilizando a materialização do projecto, assume da mesma forma um papel essencial no concretizar dos objectivos do grupo, como espaço de aproximação entre arte moderna e população, e de forma mais particular, como espaço onde os artistas divulgam os seus trabalhos.

Sobre esta última questão, mais do que a promoção dos artistas, fica demonstrado o paralelismo de objectivos, apreensível na tipologia dos eventos onde, como se viu, entre a realização dos colóquios e das mostras colectivas, formadas por alguns dos nomes mais

¹⁴ Movimento intelectual Almadense: 1.ª Exposição Itinerante de Poesia Ilustrada. *Jornal de Almada*. N.º 322 (19 Fev. 1961) p. 4.

¹⁵ Movimento Artístico: Exposição de desenho moderno de Francisco Relógio. *Jornal de Almada*. N.º 272 (6 Mar. 1960) p. 3.

¹⁶ Exposição de Gravura Portuguesa Contemporânea no «Dragão Vermelho». *Jornal de Almada*. N.º 281 (8 Maio 1960) p. 5; 2.ª exposição de gravura portuguesa contemporânea. *Jornal de Almada*. N.º 334 (14 Maio 1961) p. 4-5; Catálogo da *II Exposição de Gravura Contemporânea Portuguesa*.

¹⁷ Exposição Itinerante de Arte Moderna. *Jornal de Almada*. N.º 275 (27 Mar. 1960) p. 5.

¹⁸ Natureza trágica da poesia. *Jornal de Almada*. N.º 329 (9 Abr. 1961) p. 2.

representativos do modernismo português, está manifesta a vontade de informar, de dar a conhecer. Ultrapassando o âmbito da produção artística, a este grupo reconhece-se sobretudo os papéis de difusores e mediadores, na medida em que a organização das actividades depressa se sobrepõe a essa função.

Uma terceira verificação prende-se precisamente com este último ponto. Apesar dos cenários informais que se ligam a este projecto, esta experiência revela alguma organização, nomeadamente pela presença dos críticos, agentes com papel de relevo na difusão e legitimação social da arte, que colaboram nos eventos do dragão através dos textos nos catálogos¹⁹ e do diálogo com artistas e visitantes. A presença dos críticos, ocorre com relativa frequência, mesmo em eventos que intercalam as manifestações no Dragão Vermelho, como é o caso da exposição individual de Francisco Bronze, em 1960, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, onde Ernesto de Sousa dirige o debate²⁰, sendo revelador da solidariedade entre os agentes do meio. E onde estão os críticos há também uma vertente educativa implicada que pode ser direccionada do café para outros espaços: é o caso do colóquio na escola Emídio Navarro, em Almada, onde Fernando Pernes, a convite do director, explica o movimento moderno aos estudantes²¹, algo que pode ser demonstrativo da eficácia destes eventos. Para além desta cooperação, pode-se falar numa solidariedade que extravasa os agentes do meio artístico, é o caso da I Exposição de Poesia Ilustrada (1960), que o Sindicato Nacional dos Empregados Bancários manifesta gosto em patrocinar²². A solidariedade estabelecida em diferentes redes de relações sociais tem visibilidade nestes eventos itinerantes, nomeadamente através da disponibilização de espaços.

Por outro lado, a preocupação com a divulgação dos eventos, também revela alguma organização. Posta em cena por meios distintos, é assumida pelas fontes como grande preocupação do grupo. A divulgação faz-se através de cartazes colocados nas imediações do café²³, ou ainda, de uma forma que se aproxima mais do objectivo de promoção artística, através dos convites para os jornais e para as instituições artísticas, entre elas à Fundação Calouste Gulbenkian e mesmo ao Secretariado Nacional de Informação²⁴. Mas é sobretudo através da imprensa que esta vertente é praticada, nomeadamente através do *Jornal de Almada*, que foi o principal meio informativo na divulgação das actividades do grupo. Em Lisboa, os eventos também foram noticiados, com alguma expressão no *República*, onde, a propósito da I Exposição de Poesia Ilustrada dos artistas e poetas locais, foi demonstrado interesse pela iniciativa do grupo dos jovens «que no meio local vem desenvolvendo uma actividade artística e cultural digna do maior interesse e carinho»²⁵, assim como também se elogiam outras actividades que acontecem no Dragão.

¹⁹ Catálogo da I Exposição de Pintura; PERNES, Fernando – Apontamento sobre Arte Moderna. *Jornal de Almada*. N.º 314 (25 Dez. 1960) p. 3.

²⁰ Francisco Bronze expós na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal. *Jornal de Almada*. N.º 281 (8 Maio 1960) p. 5.

²¹ Um Colóquio sobre Arte Moderna na Escola «Emídio Navarro». *Jornal de Almada*. N.º 324 (5 Mar. 1961) p. 8.

²² I Exposição de Poesia Ilustrada. *Boletim do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários*. N.º 3 (30 Abr. 1960).

²³ Postal da I Exposição Itinerante de Poesia Ilustrada.

²⁴ Correspondência do grupo com o SNI e FCG 1959-1960.

²⁵ N.A. – I Exposição de Poesia Ilustrada em Almada. *República*. Lisboa. Ano 49, n.º 10444 (26 Jan. 1960) p. 5.

A certa altura num artigo publicado no *Diário da Manhã*, órgão oficial da União Nacional, chama-se a atenção para estas exposições que acontecem num café cujo nome é *Dragão Vermelho*:

Na galeria do «Café Dragão Vermelho», em Almada, foi inaugurada uma exposição de artes plásticas que o «República» considera uma «simpática iniciativa». Entre os expositores desta exposição itinerante figuram os Srs. Júlio Pomar, Nikias Skapinakis, Francisco Relógio, etc.

Parece-nos útil saber se nas actividades dum café – sobretudo se é dragão e este tem a cor encarnada – cabem as galerias de exposições ainda que itinerantes e, naturalmente com autorizações indispensáveis...

Também se nos afigura vantajoso melhor conhecer de tais exposições itinerantes e dos seus objectivos pois, pelo menos em princípio, pensamos não ser de consentir que o gosto das populações se deixe surpreender pelo que porventura não tenha o nível indispensável.²⁶

Segundo Francisco Bronze, os eventos que ocorreram no Dragão estiveram essencialmente ligados a razões estéticas e o grupo não teria qualquer intenção política, pois ainda que houvesse uma consciência antifascista geral, grande parte dos seus membros ainda não estavam politizados. Contudo, muitos artistas que reuniram no Dragão estiveram de facto ligados à oposição, inclusive partidária nomeadamente desde MUD Juvenil. Desta forma, o palco do café não foi apenas um lugar de socialização da arte, foi também um lugar de socialização política para os elementos do grupo do dragão, resultado do convívio que ali foi proporcionado. E apesar dos encontros não terminarem de imediato, a pressão desencadeada pelo artigo do Diário da Manhã, começa a surtir efeito no proprietário do Dragão Vermelho que deixa de disponibilizar o espaço e os eventos são encerrados. «Depois destes artistas», conta Alfredo Canana, «ainda apareceram alguns grupos mas não tinham onde expor, e não tinham expressão. O grupo do Dragão Vermelho foi o único que se evidenciou.»

Como balanço, analisando o período pós-dragão vermelho, Francisco Bronze considera que os referidos eventos impulsionaram actividades futuras, como o retorno às colectividades, onde outros esforços são tentados através da inserção nas comissões culturais da *Academia Almadense* e da *Incrível Almadense*. Afirma que todavia, a certa altura a crença nos projectos colectivos se esboroou, surgindo alguns anos mais tarde com a formação da IMARGEM – *Associação de Artistas Plásticos Almadenses* (1982), que Francisco Bronze concebe com Jorge Pé-Curto, e à qual aderem os restantes elementos do grupo, entre outros artistas locais, verificando-se uma nova possibilidade de reunir forças e recomeçar.

Conclusão

Dada a conhecer a forma como o grupo do Dragão se mobilizou e qual o seu palco de actuação, pode-se estabelecer que esta é uma iniciativa estruturada nas relações sociais e na partilha de valores. As relações sociais estabelecidas no plano local e as redes criadas a partir

²⁶ Galeria do «Café Dragão Vermelho». *Diário da Manhã*. Lisboa: António da Fonseca. Ano XXIX, n.º 10331 (30 Mar. 1960) p. 1.

daí, foram essenciais, como o demonstram situações específicas, quer através das situações de conflito nas colectividades, ou na solidariedade forjada no espaço do café. Também as redes sociais, que se criam a partir do lugar, foram possibilitando esta acção, através da cooperação entre os agentes do campo artístico, ou ainda pela colaboração dos agentes fora do sector. A grande dependência das relações sociais torna-se manifesta a partir do efeito que a censura exerce no proprietário do café, quebrando a rede de solidariedade e pondo fim a esta acção.

Também numa dimensão cultural se encontram elementos impulsionadores, nomeadamente através dos valores estéticos e sociais como vertente comum que aproxima diferentes acções. É nesta medida que a acção do grupo do dragão pode ser entendida como um fragmento de uma acção mais vasta que aqui se estabelece sobretudo na sua relação com o grupo de artistas da Cooperativa Gravura, através da intenção descentralizadora comum, encontra-se o elo de uma acção cultural mais vasta no objectivo de desencadear as acções de socialização da arte, assim como pela participação nos eventos do Dragão.

Tentou-se, neste estudo, apreender como esta acção foi possibilitada, estabelecendo uma aproximação apenas dentro do sector artístico, embora a relação com outras acções culturais fora do sector possam ser testadas, nomeadamente cruzadas com o papel de difusores que se desempenha dentro do sector estudantil, quer nos espaços associativos das universidades, ou nos espaços populares. O facto desta iniciativa nunca ter sido oficializada relegou a sua acção para o esquecimento, embora como acaba de ser exposto possa ser cruzada com outras acções culturais, e ainda no âmbito imediato entre as iniciativas que acontecem na década de 60 em Almada, com a participação dos estudantes no espaço dos organismos colectivos.

Alfredo Canana (Silves, 1935)

Jornalista autodidacta, colaborou com diversos jornais, entre eles, *Jornal de Almada, O Século, O 1.º de Janeiro, O Distrito de Setúbal*. Acompanha as actividades culturais da terra a partir da Cooperativa Piedense, onde participa em diversas iniciativas, como o grupo de Teatro Amador (1959), posteriormente Teatro Popular de Almada (1960-61).

Teve um papel activo no âmbito do grupo do Dragão, pela sua ligação à imprensa, fazendo desta um veículo para a divulgação das actividades do grupo, assim como meio de expressão crítica do estado da cultura local: «Tentava deitar cá para fora aquilo que eu pensava que se devia fazer. Não me contentava com as colectividades de cultura e recreio, porque não tinham uma actividade cultural decente, ou mesmo a Câmara Municipal que não funcionava em termos culturais. E é preciso denunciar, fazer alguma coisa para que as pessoas acordem. Não sei se consegui alguma coisa.»

Francisco Bronze (Ferragudo, 1936)

Artista plástico autodidacta, foi também crítico de arte. Desde 1966, escreve regularmente para a *Colóquio: revista de artes e letras*, e no ano seguinte é admitido como membro da secção portuguesa da AICA. Em 1971, integra o júri de selecção da nova decoração do café *A Brasileira*. No mesmo ano, enquanto militante do URML, dirige e escreve artigos para o

Folha Comunista, e mais tarde é um dos membros fundadores da UDP. Foi co-fundador e dirigente da IMARGEM.

Um vincado amor pela arte e a importância que confere a esta vocação, constituem princípios orientadores da sua história de vida: «Eu, como espectador, nunca poderei pagar a dívida que tenho por ter visto os quadros de Rembrandt, Van Gogh, Gauguin...nunca! Se não fossem aquelas enormes obras, aquela riqueza de civilização, a nossa vida era miserável. As pessoas não percebem a fortuna que têm por terem existido grandes artistas [...]».

Louro Artur (Almada, 1943)

Artista plástico, com formação em artes decorativas, pela Escola António Arroio, e em pintura pela ESBAL. Desenvolveu a sua formação na área da cerâmica, na Universidade de Aveiro e praticou gravura através da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Colaborou com o *Diário de Lisboa*, e o *República*, como ilustrador. Integra o núcleo fundador da IMARGEM, onde tem sucessivas direcções, e foi docente na Escola Superior de Setúbal. Um sentido de pertença, vinculado à terra e às pessoas da terra, inspira a sua ligação ao grupo, assim como a sua acção: «Não foi necessário pedir para entrar no grupo. Nem foi necessário ser importante. [...] Havia uma necessidade de informar, de levar a cultura a este povo e de uma maneira diferente, sem ter de estar à espera dos chamados convites especiais [...]. O motivo era a intervenção junto da comunidade por necessidade da mesma... ou julgando nós que era uma necessidade!».

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- ABREU, Carlos; BRANCO, Francisco (coords.) – *O Associativismo: Tradição e Arte do Povo de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1984.
- COSTA, Ana; LUZIA, Ângela; JULIÃO, José – *Associativismo e Cidadania*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2007. ISBN 978-972-9134-72-2.
- EAGLETON, Terry – *A Ideia de Cultura*. Lisboa: Temas e Debates, 2003. ISBN 972-759-511-1.
- FITCH, Noël Riley – *The Grand Literary Cafés of Europe*. London: New Holland, 2006. ISBN 1-84537-114-3.
- FRANÇA, José-Augusto – *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX: 1919-2000*. 4.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. ISBN 972-24-1110-1.
- FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961*. 2.ª ed. Venda Nova: Bertrand, 1985.
- GONÇALVES, Rui-Mário – *Vontade de Mudança: Cinco Décadas de Artes Plásticas*. Lisboa: Caminho, 2004. ISBN 972-21-1621-5.
- HAINÉ, W. Scott – *The world of the Paris café: sociability among the french workink class 1789-1914*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998. ISBN: 0-8018-6070-9.
- LUCKMANN, Thomas – *Teoria de la Acción Social*. Barcelona: Paidós, 1996. ISBN 84-493-0270-6.
- TURNER, Bryan S. (ed.) – *Teoria Social*. Miraflores: Difel, 2002. ISBN 972-29-0555-4.

Fontes orais

- ARTUR, Louro – Entrevistas. Almada, Dez. 2004. 2 cassetes (59 min.) e 30 Out. 2006. 1 disco (CD) (83 min.).
- BRONZE, Francisco – Entrevistas. Almada, Dez. 2004. 2 cassetes (41 min.) e 31 Out. 2006. 1 disco (CD) (79 min.).
- CANANA, Alfredo – Entrevistas. Cova da Piedade, Dez. 2004. 1 cassette (28 min.) e 31 Out. 2006. 1 disco (CD) (39 min.).

Periódicos

- Jornal de Almada*. Almada: P.e Manuel Marques. Ano VI, n.º 264 (10 Jan. 1960) – Ano VII, n.º 339 (18 Jun. 1961).
- Galeria do «Café Dragão Vermelho». *Diário da Manhã*. Lisboa: António da Fonseca. Ano XXIX, n.º 10331 (30 Mar. 1960) p. 1.
- SNEB – I Exposição de Poesia Ilustrada. *Boletim do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários*. N.º 3 (30 Abr. 1960).
- N.A – I Exposição de Poesia Ilustrada em Almada. *República*. Lisboa: Ano 49, n.º 10444 (26 Jan. 1960) p. 5.

Correspondência

- CANANA, Alfredo – [Convite] 1959-11-14. I Exposição de Pintura. 2 Convites: à Fundação Calouste Gulbenkian; ao Secretariado Nacional de Informação. (cedido por Alfredo Canana).
- [Convite] 1960-01-16. I Exposição de Poesia Ilustrada. 2 Convites: a Maria José de Mendonça; ao Secretariado Nacional de Informação. (cedido por Alfredo Canana).
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKINAN. Serviço de Belas-Artes – [Ofício] n.º 70/ BAM/60. 1960-02-02. Resposta ao convite para a I exposição de Poesia Ilustrada. (cedido por Alfredo Canana).
- SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO. Secção de Exposições – [Ofício] ref.ª 340, n.º 1429, 3.ª rep.-1.ª. 1959-11-17. Resposta ao convite para a I Exposição de Pintura Moderna. (cedido por Alfredo Canana).
- [Ofício] ref.ª 001, n.º 104, 3.ª rep.-1.ª. 1960-01-29. Resposta ao convite para a I exposição de Poesia Ilustrada. (cedido por Alfredo Canana).

Iconografia

- ARTUR, Louro; COLAÇO, Maria Rosa – *Notícias para a Madrugada*. 1960. Il. Orig. exposto na I Exposição de Poesia Ilustrada. (acessível no Arquivo Municipal, Almada).
- [Desenhos]. [1959]. 2 fots.: p&cb. Vistas parciais com trabalhos de Francisco Bronze expostos na I Exposição de Pintura, 1959. (cedido por Francisco Bronze).
- [Esplanada do Café Central]. Jun. 1962. 2 fots. Francisco Bronze, Louro Artur, Sérgio Só e Pires de Oliveira. (cedido por Francisco Bronze).

- Exp. de Pintura: de 15 a 23 de Novembro de 1959, Pastelaria Dragão Vermelho – Almada.* [s.l.: s.n., 1959]. Cat. (cedido por Francisco Bronze).
- Exposição de Poesia Ilustrada: café Dragão Vermelho, de 17 a 27 de Janeiro.* [s.n.t.], 1 postal: p&b. Rep. Ct. Louro Artur, 1960. (cedido por Louro Artur).
- II Exposição de Gravura Contemporânea Portuguesa: Dragão Vermelho – Almada, de 6 a 15 de Maio de 1961.* [s.l.: s.n., 1961] Cat. Lit. Cipriano Dourado. (cedido por Louro Artur).
- [Interior do Dragão Vermelho].* [19--] – 1 fot. em reunião de trabalho: Pe António Leitão, Sérgio Só, José bronze, Francisco Bronze, Jorge Norvick, Jaime Feio, Louro Artur e Peniche Galveias. (cedido por Louro Artur).
- O Convento e Menina do terço.* [1959]. 1 fot.: p&b. Trabalhos de Louro Artur expostos na I Exposição de Pintura, 1959. (cedido por Louro Artur).
- Os Filhos da Noite.* [s.n.t.], 1 postal: p&b. Repr. II. Francisco Bronze ao poema de Sérgio Só na I Exposição de Poesia Ilustrada, 1960. (cedido por Francisco Bronze).